

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

MARIA HELENA FAGUNDES MACHADO

**UTILIZANDO AS MÍDIAS NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM
NECESSIDADES ESPECIAIS**

**Porto Alegre
2012**

MARIA HELENA FAGUNDES MACHADO

**UTILIZANDO AS MÍDIAS NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM
NECESSIDADES ESPECIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Dra. Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso.

Porto Alegre
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na

Educação: Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na

Educação: Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Dedico esta monografia à minha família,
sem eles eu nada seria. Obrigado Carlos,
Henrique e Isabella.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sem Ele nada sou. Depois, agradeço à minha família que é o meu porto seguro. Também agradeço a todos os meus colegas de escola que, de muitas formas, me deram força para continuar minha formação.

Por último, agradeço a todos os professores e tutores do curso Especialização Mídias na Educação, como também à minha orientadora, Professora Cleuza Alonso, pois são educadores, profissionais da educação, que estão sempre dispostos e disponíveis para realizar a tarefa que se propuseram: auxiliar de forma colaborativa a repensar e ampliar minha prática pedagógica. Obrigado!

RESUMO

O presente trabalho aborda como as mídias podem auxiliar na aprendizagem de alunos com necessidades especiais. Fez-se uma pequena explanação sobre o que é a sala de recursos e de como é desenvolvido o trabalho com alunos com deficiências matriculados na escola regular. Procurou-se referenciar autores que escrevem e/ou escreveram sobre inclusão em suas obras, como: Vigotski, Wallon, Freire e Santarosa. Em relação às mídias na educação, foram elencadas algumas das mais usadas na referida sala com alunos com deficiências e como estão influenciando no desenvolvimento das aprendizagens dos mesmos; foi feito um pequeno relato sobre a experiência do uso das mídias na sala de recursos. Considerou-se que o uso das mídias na educação é benéfico na aprendizagem de todos os alunos, pois cada um é um ser único em busca de aprendizagem.

Palavras-chave: Mídias na educação. Sala de recursos. Educação especial. Aprendizagem de alunos com deficiências.

ABSTRACT

This paper discusses how the media can help in the learning of students with special needs. There was a short explanation of what the resource room and how it is developed to work with students with neck enrolled in regular school. We tried to cite authors who write and / or write about inclusion in their works, as Vygotsky, Wallon, Freire and Santarosa. In relation to media education, was listed some of the most used room in that neck with students and how they are influencing the development of learning them; been done a small report about the use of media experience in the resource room. It was considered that the use of media in education is beneficial in the learning of all students, because each one is a unique being in pursuit of learning.

Keywords: Media in education. Resource room. Special education students with learning. NEE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ditado do aluno C.....	21
Figura 2 – Arquivo de Wordpad do aluno C.....	21
Figura 3 – Revista Picolé Digital.....	23
Figura 4 – Software Picolé Digital.....	23
Figura 5 – Software Picolé Digital - Memória.....	24
Figura 6 – Software Picolé Digital - Caça-palavras.....	24
Figura 7 – Software Picolé Digital - Caça-palavras com orientações.....	25
Figura 8 – – Teclado Colmeia.....	28
Figura 9 – Teclado Colmeia.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	13
3 INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS COM O USO DA MÍDIA.....	16
3.1 ALGUMAS MÍDIAS QUE PROMOVEM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS NA ESCOLA REGULAR	
20	
3.1.1 Editores de Texto	20
3.1.2 Software Educacional	22
3.1.3 Blogs e Wikis	25
3.1.4 Tecnologias Assistivas (TA)	27
4 PRÁTICA PEDAGÓGICA ALIADA À TEORIA NA SALA DE RECURSOS FUNCIONAIS: UM RELATO	
29	
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da política da educação especial na perspectiva da educação inclusiva no cenário da educação de alunos com deficiência no Brasil, passou-se a discutir/ refletir sobre as formas de abordagem com estes alunos na sala de aula, em como este aluno chega ao conhecimento e quais seriam os suportes que auxiliariam a construção do seu conhecimento.

Atualmente há muita literatura sobre o assunto, vários autores escreveram e escrevem sobre este assunto, levando os educadores à reflexão.

Um dos aspectos de muita discussão/ reflexão/ pesquisa é o do uso das mídias na aprendizagem do aluno com deficiência. Como este uso faz a diferença na aprendizagem destes alunos? Há diferença? Os educadores estão dispostos a ler e aprender sobre as mídias? Quais as mídias disponíveis para trabalhar com o aluno com deficiência?

Estas são perguntas que esta monografia procurará responder, através de pesquisa bibliográfica enfatizando o modo empírico da mesma, pretendendo pesquisar sobre o uso das mídias no processo de aprendizagem de alunos com deficiências, bem como, na melhora de suas interações sociais, principalmente em escolas de ensino regular, como também apresentando um pequeno estudo de caso com aluno com deficiência cerebral matriculado em escola regular de rede municipal de ensino.

Compreende-se como pesquisa bibliográfica, uma pesquisa baseada em livros, periódicos científicos e internet. É a pesquisa em trabalhos teóricos desenvolvidos nas áreas da educação, filosofia, sociologia entre outros.

Já o estudo de caso consiste em estudo aprofundado de um sujeito, de modo a permitir seu conhecimento e situar também o contexto onde está inserido tal sujeito.

Então ao desenvolver este estudo, tive como objetivo geral pesquisar sobre a inclusão de alunos com deficiências no ensino regular utilizando as mídias, bem como esta inclusão por meio das mídias afeta de modo positivo suas aprendizagens e interação social.

Já meus objetivos específicos para este trabalho foram:

- a) Desenvolver pesquisa bibliográfica referente ao assunto alunos com deficiências e mídias;
- b) Explicar, por meio de pesquisa bibliográfica, como as mídias afetam a aprendizagem e interação social de alunos com deficiências;
- c) Fornecer, por meio de pesquisa bibliográfica, referencial teórico para explicar, refletir e contextualizar sobre mídias e alunos com deficiências;
- d) Refletir, por meio de minha pesquisa minha prática pedagógica e que a mesma possa, ao final do processo, ser melhorada e/ou modificada.

Os alunos com deficiência física, intelectual, auditiva, visual, transtorno global de desenvolvimento (incluindo o autismo) e as síndromes e os superdotados são o público- alvo desta pesquisa e mais especificamente a deficiência física (paralisia cerebral) que se caracteriza por lesão de uma ou mais áreas do sistema nervoso central, tendo como consequência alterações psicomotoras, podendo ou não causar deficiência mental, por ser o alvo do estudo de caso.

Atuo como professora da rede municipal de Canoas há 22 anos, porém, sou educadora há 25 anos.

Desde 2010, trabalho na sala de recursos multifuncionais da minha escola, onde atuo como professora/coordenadora da referida sala, ou seja, trabalho com alunos com deficiências.

As salas de recursos multifuncionais são um projeto do governo federal (Ministério da Educação — MEC) em parceria com Estados e municípios. No meu caso, o município onde trabalho aderiu ao programa do governo federal e passou a receber materiais e recursos para desenvolver o projeto. Resumindo, o governo federal entra com os recursos e o município com o espaço e o professor.

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. Dentre as atividades de atendimento educacional especializado são disponibilizados programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização e tecnologia assistiva. Ao longo de todo o processo de escolarização esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum. O atendimento educacional especializado é acompanhado por meio de instrumentos que possibilitem monitoramento e avaliação da oferta realizada nas escolas da rede pública e nos centros de atendimento educacional especializado públicos ou conveniados (BRASIL, 2007).

Particularmente, trabalho com algumas mídias na sala de recursos multifuncionais, principalmente com o computador, onde, quando há Internet, desenvolvo com os alunos um projeto de blogs individuais para relato das experiências de aprendizagem dos mesmos. Os resultados deste tipo de trabalho são positivos, pois alunos que muitas vezes não gostam de verbalizar suas opiniões ou não têm a escrita como um hábito, nos reservam quase sempre boas surpresas.

Também trabalhei com a construção de wikis, construção essa que é colaborativa, para os alunos construírem seus conceitos e opiniões sobre a copa do mundo de futebol de 2010.

Neste espaço de aprendizagem, trabalho também com música e histórias em CD. Os alunos gostam muito destas atividades, pois o lúdico é evidenciado nas

mesmas. E alunos com deficiências precisam do lúdico no seu dia a dia, na sala de aula regular etc.

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomando como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem se comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação que não se funde na dialogicidade (FREIRE, 2006, p. 38).

Então esta caminhada como educadora e principalmente como educadora de alunos com deficiência leva-me a muita reflexão, a muitas indagações, portanto são estas as razões da escolha deste assunto para esta monografia, algumas certezas para confirmar e algumas dúvidas para resolver, em resumo mais um aprendizado como educadora.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Fundamento minha pesquisa principalmente em autores como Vigotski, Wallon, Freire e Santarosa, por serem autores que, através de suas obras, construíram ideias de liberdade, aprendizagem em grupo, construção do sujeito como ser único.

Para Vigotski (2010), o desenvolvimento humano se caracteriza pelas trocas sociais através de processos de interação e mediação, é a abordagem sociointeracionista do estudo da psicologia. Na área do desenvolvimento da aprendizagem, Vigotski (2010), através de seus estudos, desenvolveu o conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal, que basicamente é a ideia da diferença entre o que a criança consegue aprender/realizar sozinha e o que ela consegue aprender/realizar com a ajuda de outra pessoa, seja ela um adulto ou uma criança mais velha ou com maior facilidade para aprender, mesmo que neste momento ela ainda não consiga realizar/aprender sozinha, ela poderá construir novas aprendizagens quando o suporte pedagógico que lhe for dado for adequado, for pensado para ela como ser único.

Este conceito de Vigotski (2010) é muito usado nos estudos de alunos com deficiências, justamente por considerar os conhecimentos em construção dos alunos.

Para Wallon (2010), o indivíduo e o meio se modificam reciprocamente, sua teoria defendia a preocupação escolanovista em adequar o ensino ao desenvolvimento da criança. Os principais aspectos de sua teoria são:

- a) tentativa de ver a criança de um modo mais integrado, levando em consideração os domínios cognitivo, afetivo e motor;
- b) não dissociar campos que são indissociáveis (afetividade e inteligência);
- c) estudo do desenvolvimento humano a partir do desenvolvimento psíquico da criança;
- d) desenvolvimento da criança aparece descontínuo, marcado por contradições e conflitos, retrocessos e reviravoltas;
- e) a passagem dos estágios do desenvolvimento não se dá linearmente.

Toda a teoria de Paulo Freire é baseada na liberdade, no diálogo, em considerar as diferenças do sujeito, na aprendizagem, como fonte não só de conhecimento, mas como meio da/ na libertação do sujeito.

Paulo Freire é considerado um dos pensadores mais influentes e notáveis na história da pedagogia mundial, influenciou o movimento da pedagogia crítica. Para Freire (2006), o indivíduo/educando assimila o objeto de estudo usando uma prática dialética da realidade, por isso, Freire (2006) se destacou com suas teorias e práticas para o ensino das classes populares, porque tais aspectos são voltados para a escolarização e formação da consciência política do indivíduo.

Resumidamente, Paulo Freire defendia uma educação puramente democrática.

Já para Santarosa (2010), a inclusão digital de alunos com deficiência gera também inclusão social, porque abre novo espaço à informação, interação, comunicação e construção individual e cooperativa.

O respeito e a valorização da diversidade humana se efetivam por meio do deslocamento do verbo acolher; a simples união de diferentes grupos, sem um projeto que institua uma nova percepção para a diferença, para o verbo incluir, quando políticas públicas projetam e constroem a ação para o pertencer. Para que se configure uma prática de inclusão é preciso que bases teóricas de respeito à heterogeneidade e suportes técnico-metodológicos necessários à mediação sejam discutidos e apropriados pela sociedade em sua totalidade e, em especial, por educadores e gestores de sistemas escolares contemporâneos (SANTAROSA et al, 2010, p. 20).

A política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva do MEC 2007/2008 também será usada como referencial teórico, pois a maior parte do trabalho em educação especial desenvolvido no Brasil atualmente, principalmente no que se refere à implantação das salas de recursos multifuncionais nos sistemas de ensino, bem como na inclusão do aluno com deficiências nas escolas regulares, e sua permanência nas mesmas, são baseados principalmente nesta política pública.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com eficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais, garantindo: transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior; atendimento educacional especializado; continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino;

formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar; participação da família e da comunidade; acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2007).

Este movimento de educação inclusiva presente nas atuais políticas públicas do nosso país, como também nas obras dos autores referenciados aqui nesta monografia, constitui-se em uma ação política, cultural, social e pedagógica, que se baseia na ideia de escola inclusiva e libertadora para todos os alunos, aprendendo e participando sem discriminação.

3 INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS COM O USO DA MÍDIA

Mas afinal o que é mídia? Qual a sua utilidade?

Em comunicação, mídia são os canais ou ferramentas usadas para armazenamento e transmissão de informação ou dados. Mídia muitas vezes é usada como sinônimo de meios de comunicação de massa ou agências de notícias, mas pode se referir a um único meio utilizado para comunicar os dados para qualquer finalidade.

Segundo Moran (2008), a Internet, as redes, o celular, a multimídia estão revolucionando nossa vida no cotidiano. As tecnologias são apenas apoios, meios. Mas elas nos permitem realizar atividades de aprendizagem de formas diferentes às de antes. Podemos aprender estando juntos em lugares distantes, sem precisarmos estar sempre juntos em uma sala para que isso aconteça (Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação- Etapa 2).

Neste ponto pode-se falar sobre as mídias e a educação, principalmente sob o aspecto do aluno com deficiência.

Vivemos em uma sociedade de informação, onde todos necessitam ter acesso à tecnologia. Partindo deste pensamento, o trabalho com alunos com deficiências deve priorizar também este aspecto.

A hipertextualidade proporcionada pelas tecnologias digitais de informação e de comunicação impulsiona a leitura e a autoria em rede. Nenhuma outra mídia , em sua forma de armazenar e de transmitir informação, permitiu a interação com o conteúdo de forma tão intuitiva, fazendo da leitura e da escrita práticas indissociáveis que operam em um mesmo ambiente (SANTAROSA et al, 2010, p. 199).

Muitos alunos com deficiências não dominam a leitura e a escrita, e o uso da multimídia, do hipertexto e da hipermídia são facilitadores para a aprendizagem destes dois aspectos, incluindo aí a inclusão digital.

Para Santarosa et al (2010, p. 198): “A conquista de um estado provisório para o texto abre um leque de possibilidades para que sujeitos com necessidades especiais experienciem práticas de autoria individual e coletiva”.

Quando penso nos alunos que atendo, penso nas suas possibilidades/potencialidades, penso também o quanto um trabalho sério com as mídias

s, com a inclusão digital pode promover a autoria (individual e coletiva) destes alunos, levando-os a uma leitura da realidade, onde serão sujeitos e não coadjuvantes.

Não mencionei, até o momento, que quando falo em mídias, falo também em áudio, em imagens, no próprio rádio, em jogos e textos que mesclam som e imagem, tudo isso é benéfico para a aprendizagem do meu aluno.

Claro que aqui podemos esbarrar com o aparato público, por exemplo: sem Internet banda larga, todo este trabalho até poderá acontecer, porém, ficará prejudicado. Na escola onde atuo como professora da sala de recursos, inicialmente havia Internet, porém, desde 2011 não há, então, faço meu trabalho transferindo jogos do meu computador para os computadores da sala de recursos, mas é difícil realizar projetos assim, mas claro que não é impossível.

Cito Freire (2006) novamente, porque sempre priorizou, nas suas ideias, no seu pensar, nos seus livros, a educação como prática da liberdade.

Que possibilidade de expressar-se, de crescer, vem tendo a minha curiosidade? Creio que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que suas próprias posições, com que aceita rever-se (FREIRE, 2006, p. 91).

Como educadora em um mundo contemporâneo, trabalhando em sistema de ensino municipal público, com alunos com deficiências, dificuldade de aprendizagem, em risco social etc., trago para mim a responsabilidade de auxiliar estes sujeitos que passam por mim para que alcancem o aprendizado de forma crítica, a autonomia de forma responsável e que futuramente façam parte de uma sociedade totalmente inclusiva.

Dito isso, como educadora sempre tive e ainda tenho curiosidade para aprender coisas novas que, de alguma forma, melhorem minha prática pedagógica,

que me tornem mais democrática ao me relacionar com meu aluno, para que eu sempre respeite a liberdade do outro; então, nada mais natural que eu seja uma educadora que aceite rever-se, como nos diz Freire (2006), na sua Pedagogia do Oprimido. Então, rever-me também me remete para o aspecto tecnológico do processo ensino- aprendizagem.

Para Santarosa et al (2010, p. 19): “A inclusão, como fenômeno social, tem suas raízes na cultura, extrapolando os aspectos meramente escolares”. Então, se a inclusão tem suas raízes na cultura, nada mais natural do que transpor aspectos dessa cultura para dentro da escola, como por exemplo, as mídias.

Devo me permitir, como educadora, me apropriar deste aspecto da cultura, oferecer ao meu aluno esta inovação, alicerçando suas possibilidades, para que suas necessidades ou deficiências não sejam permanentes e sim transitórias, para uma adaptação da sociedade em relação ao sujeito e não o contrário.

Hoje, a visão de necessidades especiais engloba um conjunto de aspectos que ultrapassa o antigo conceito de deficiente. Esta mudança da deficiência para a necessidade especial traz consigo a concepção da variabilidade humana e forja importantes deslocamentos. Do caráter permanente para transitório, da visão de adaptar a pessoa deficiente para viver na sociedade para inclusão, pela adaptação da sociedade com a superação das barreiras que impõem desvantagens para a efetiva participação de sujeitos com necessidades especiais em contextos socioculturais (SANTAROSA et al, 2010, p. 19-20).

A deficiência de um aluno traz consigo a variabilidade humana, deslocamentos, transitoriedade e o aspecto da sociedade se adaptar à necessidade desse aluno, para que o mesmo participe efetivamente dos contextos socioculturais.

Como vivemos em uma sociedade de informação, segundo Santarosa et al (2010, p. 196): “A capacidade de produzir e de processar informação são ações centrais para que o desenvolvimento humano ocorra de forma plena e completa”. Então, para que meu aluno com deficiência se desenvolva plenamente, o mesmo precisará saber como produzir e processar as informações, nesse momento, entra o uso das mídias com esse aluno, para que seu processo de aprendizagem resulte em conhecimento.

Todavia, quando falo em processo de aprendizagem não posso esquecer que todo aluno, independente de deficiência ou não, necessita, antes de tudo de interação com o outro, precisa relacionar-se.

O contato emotivo, quando se estabelece, é na verdade uma espécie de contágio mimético, cuja primeira consequência não é a simpatia, mas a participação. O sujeito está inteiro em sua emoção; está unido, confundido por ela com as situações que lhe correspondem, ou seja, com o ambiente humano de onde em geral resultam as situações emocionais. Alienando-se nelas, o sujeito é incapaz de apreender a si mesmo como distinto de cada uma e como distinto de outrem (WALLON, 2010, p. 182-183).

Partilhando com as ideias de Wallon (2010), sou da opinião que deve haver contato emotivo com outrem, para acontecer a aprendizagem, somente a tecnologia não dará conta deste novo sujeito que surgirá nas próximas décadas.

E, para ratificar minha opinião, citarei Vigotski (2010), por ser um autor que inclui nas suas obras a ideia de interação social. Para Vigotski (2010), o sujeito constrói seu conhecimento em contato com o ambiente em que vive, mas também em contato com o outro, tais situações são primordiais no desenvolvimento e na inclusão de alunos com necessidades especiais nas salas de aula regulares e sociedade em geral.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são retratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VIGOTSKI, 2010, p. 19-20).

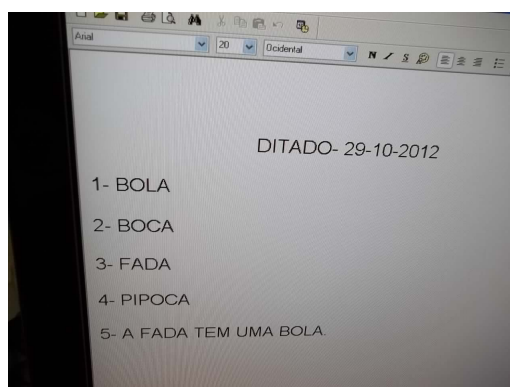
3.1 ALGUMAS MÍDIAS QUE PROMOVEM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS NA ESCOLA REGULAR

3.1.1 Editores de Texto

Magda Soares (2004, p. 16) nos diz: “[...] a importância de que a alfabetização se desenvolva em um contexto de letramento [...] como a participação em eventos variados de leitura e de escrita [...] e de atitudes positivas em relação a essas práticas”. Então, utilizar as mídias com o aluno com deficiência é um contexto de letramento, onde posso evidenciar a leitura e a escrita com eventos variados, usando editores de texto e desenvolvendo atitudes positivas com esse aluno, pois, por meio do editor de texto, esse aluno pode experimentar a autocorreção, pode escrever do seu jeito e, quando estiver em outro nível de leitura e escrita, ele mesmo poderá voltar na sua atividade salva e realizar a autocorreção.

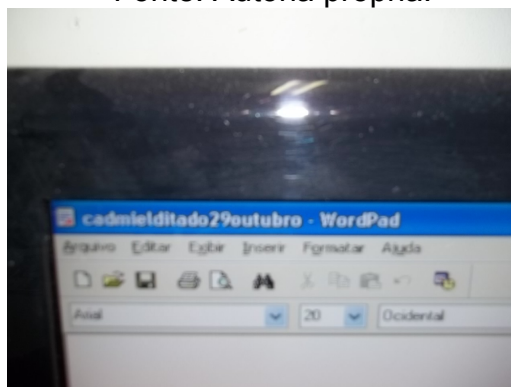
Figura 1 – Ditado do aluno C

Nesta figura o Wordpad foi utilizado para a realização de um ditado com o aluno C. A atividade consistiu em primeiro uma atividade de dominó do alfabeto, após com uso de letras móveis o aluno formou as palavras com a imagem de quatro peças escolhidos por ele, e por último a realização do ditado no Wordpad. O aluno realizou o ditado sozinho como também a frase, estando já em nível avançado de alfabetização.



Fonte: Autoria própria.
Nota: arquivos de wordpad, produção de aluno da sala de recursos em escola da rede municipal de Canoas/RS

Figura 2 – Arquivo de wordpad do aluno C
Fonte: Autoria própria.



Editor de texto Wordpad utilizado pelo aluno C na sala de recursos

Na sala de recursos onde atuo como coordenadora/professora, utilizo editores de texto (Word/ Wordpad/ Bloco de notas/ a parte de escrita do Paint). Meu trabalho se baseia no nível de leitura e escrita em que cada aluno com deficiência se encontra, é um trabalho praticamente individual, no máximo, pode ser desenvolvido em duplas (quando a dupla se encontra em níveis iguais ou próximos), consiste em escrita do nome próprio ou de familiares, escrita do alfabeto, escrita de palavras trabalhadas nos jogos ou no quadro, escrita de frases, escrita de histórias etc.; a atividade é salva e pode-se retornar nela quando for necessário. Os alunos geralmente gostam dessas atividades, pois muitos não costumam realizar este tipo de atividade quando estão usando um computador; na escola onde atuo, os alunos também têm oportunidade de realizar tais atividades no laboratório de informática durante dois períodos de 45 (quarenta e cinco) minutos, uma vez por semana.

Os atos de ler e escrever não decorrem de uma habilidade inata, uma habilidade com a qual o indivíduo nasce e morre. A instituição educativa tem papel fundamental na construção de competências de leitura e de escrita, já que é nela que se implementa e se qualifica o processo de ler e escrever, primeiro dentro de seu território e, depois, estendido para fora de seus

muros, para participar efetivamente na construção das histórias individuais e coletivas de seus atores sociais (SANTAROSA et al, 2010, p. 233- 234).

3.1.2 Software Educacional

Não há somente uma definição para software educacional, todo programa de computador que de alguma forma pode ser usado educacionalmente, é considerado software educacional.

A construção de estratégias de mediação, seja no contexto pedagógico, seja no contexto tecnológico, para o uso de software educacional e de objetos de aprendizagem, desenvolve-se considerando questões como: adequação dos conteúdos à realidade de PNEs, aplicação de novas metodologias que busquem a participação ativa de PNEs no seu processo de aprendizagem e redefinição dos objetivos a fim de ampliar a formação de PNEs para sua inclusão na sociedade (SANTAROSA et al, 2010, p. 259-260).

Os softwares educacionais promovem o lúdico e educativo no aluno, além de impulsionar a tomada de decisões, escolha de estratégias e respeito às regras impostas e também desenvolve o imaginário dos mesmos.

Na sala de recursos multifuncionais, trabalho com o software educacional chamado Picolé Digital (aplicativo que vem com 16 jogos educativos: jogo dos erros, caça-palavras, jogo da memória, diretas, quebra-cabeça, liga-pontos, achar determinados objetos em uma imagem); os alunos apreciam muito este software, jogando-o eles tomam decisões, há um pouco de autoria e é lúdico, sem falar que estão usando o computador (conectei uma TV 32 polegadas ao computador, então, o jogo é reproduzido na TV), para eles, é o máximo.

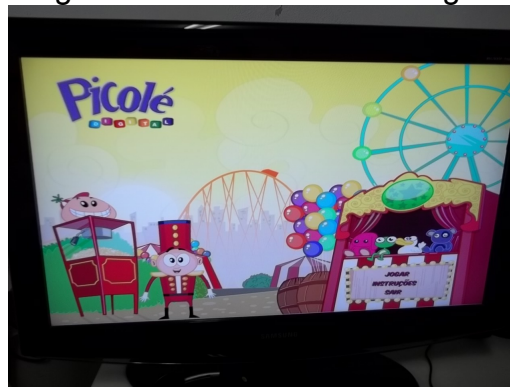
Figura 3 – Revista Picolé Digital



Fonte: Revista Picolé Digital.

Nota: software Picolé Digital utilizado no trabalho com alunos NEE em sala de recursos de escola da rede municipal de Canoas/RS.

Figura 4 – Software Picolé Digital



Fonte: Autoria própria.

Nota: software Picolé Digital utilizado no trabalho com alunos NEE em sala de recursos de escola da rede municipal de Canoas/RS.

Página inicial do software picolé digital, onde o aluno clica em jogar e remete para um local onde está sua identificação juntamente com um fake seu construído por ele próprio.

Figura 5 – Software Picolé Digital- Memória

O jogo da memória digital consiste no mesmo jogo da memória normal, ao clicar em duas figuras iguais, as mesmas irão permanecer na tela até todas virarem e o jogo terminar, o programa do jogo permite escolher qual fase o aluno quer jogar a mais fácil, com menos peças ou a mais difícil com mais peças, o jogo também oferece o ranking de cada jogador.



Fonte: Autoria própria.

Nota: software Picolé Digital utilizado no trabalho com alunos NEE em sala de recursos de escola da rede municipal de Canoas/RS.

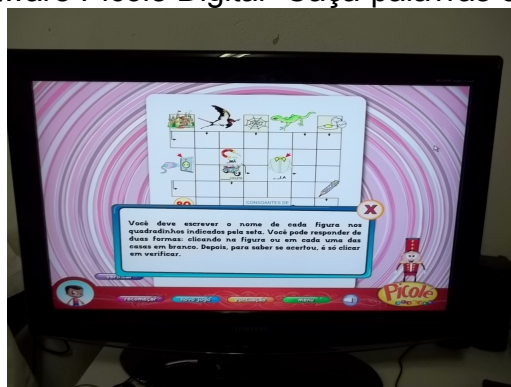
Figura 6 – Software Picolé Digital- Caça-palavras



Fonte: Autoria própria.

Nota: software Picolé Digital utilizado no trabalho com alunos NEE em sala de recursos de escola da rede municipal de Canoas/RS.

Figura 7 – Software Picolé Digital- Caça-palavras com orientações



Fonte: Autoria própria.

Nota: software Picolé Digital utilizado no trabalho com alunos NEE em sala de recursos de escola da rede municipal de Canoas/RS.

3.1.3 Blogs e Wikis

O termo blog é a abreviatura do termo original da língua inglesa weblog. Segundo Gomes (2005, p. 311): “[...] um weblog é uma página na web que se pressupõe ser actualizada com grande frequência através da colocação de mensagens- que se designam “posts”- constituídas de imagens e/ou textos de normalmente de pequenas dimensões”.

Weblog ou simplesmente “blog” são palavras que entraram já no nosso quotidiano e nas nossas escolas, senão através dos professores pelo menos através dos alguns alunos mais entusiastas e mais familiarizados com o uso da Internet. A “blogosfera” tem já no seu seio um conjunto de práticas educativas que abarcam uma grande diversidade de abordagens (GOMES, 2005, p. 311).

Como recurso pedagógico, os blogs podem ser um espaço de acesso à informação especializada ou um espaço de disponibilização de informação por parte do professor. Mas como estratégia pedagógica, os blogs podem assumir a forma de um portfólio digital, um espaço de intercâmbio e colaboração, um espaço de debate ou ainda um espaço de integração.

Um wiki é uma página de edição aberta, coletiva, de autoria compartilhada; em suas páginas, é possível editar textos, links, vídeos, imagens e outros recursos possíveis e disponíveis na web. O wiki mais conhecido é a Wikipédia.

Um wiki tem como características principais:

- a) não requer quase nenhum conhecimento técnico para seu uso;
- b) é um espaço virtual onde qualquer pessoa, dependendo do tipo de autorização permitida pelo wiki, pode alterar, adicionar, apagar o conteúdo ou ainda deixar comentários;
- c) é possível editar as páginas como num editor de texto simplificado e online;
- d) permite criar textos através de hiperlinks;
- e) é possível acompanhar as mudanças feitas nas páginas por todos os autores;
- f) pode-se adicionar outras mídias aos textos, como imagens, vídeos etc.

Pessoalmente, já utilizei blogs e wikis tanto para minha formação¹, como na minha prática pedagógica na sala de recursos multifuncionais.

Inicialmente, como não tinha muito contato com a tecnologia, tive dificuldades em dominar tais espaços virtuais, porém, com as tentativas e erros aprendi como usá-los e tive ótimas experiências: atividades colaborativas com colegas de curso, construção de blogs, wikis, inclusive para realizar meu estágio curricular, uso de wikis para realizar disciplina eletiva etc.

Coloquei em prática tudo o que aprendi ao longo da graduação durante o estágio curricular na sala de recursos multifuncionais. Em colaboração com os alunos com deficiências, construímos blogs e wikis (nesse caso, Pbworks, que é um exemplo de wiki e sua versão mais simples é gratuita).

Compartilho aqui nesta monografia alguns dos endereços de blogs e wikis (Pbworks) nos quais realizei atividades e/ou construí com meus alunos:

- a) saladerecursosemeffarroupilha.pbworks.com;
- b) dossiedeinclusaomariahelenamachado.pbworks.com;
- c) mariahelenaestagio.com.br;

¹ Curso de Pedagogia à Distância, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), turma de 2006.

- d) <http://saladerecursososeffarroupilha.pbworks.com;>
- e) <http://peadportfolio156763.blogspot.com.>

3.1.4 Tecnologias Assistivas (TA)

A Tecnologia Assistiva (TA) é uma área multidisciplinar de conhecimento na qual se desenvolvem estudos, produtos e pesquisas, visando promover a qualidade de vida e a inclusão social de PNEs. De forma geral, denomina-se também de Tecnologia Assistiva o equipamento ou recurso utilizado (SANTAROSA et al, 2010, p. 290).

A Tecnologia Assistiva é o conjunto de recursos que contribui para proporcionar às pessoas com deficiências maior independência, qualidade de vida e inclusão social. Isto pode acontecer por meio de suplementos (próteses) ou da manutenção ou devolução de suas capacidades funcionais, podendo ocorrer com o uso de uma simples bengala, um par de óculos, cadeiras de roda, até complexos sistemas computadorizados que controlam o ambiente ou a própria expressão do indivíduo.

Em minha prática pedagógica, faço uso da tecnologia assistiva *teclado colmeia* com um aluno paralisado cerebral que atendo na sala de recursos multifuncionais, porém, em sala de aula, o mesmo faz uso de notebook sem teclado colmeia.

Além disso, a escola onde atuo como professora foi contemplada com o Programa Escola Acessível, do MEC, pelo motivo de implantar a sala de recursos multifuncionais e manter alunos com deficiências nas salas de aula regulares. Então, uma parte desta verba é usada para compra de jogos e materiais para a sala de recursos; e outra parte para construção de rampas de acesso, alargamento de portas, corrimão, nivelamento do pátio da escola etc; estas foram as adequações que foram feitas na minha escola usando a verba do Programa Escola Acessível.

Art. 2º Os recursos financeiros de que trata o caput do artigo anterior serão destinados à promoção da acessibilidade e inclusão escolar de estudantes público alvo da educação especial em classes comuns do ensino regular, devendo ser empregados na aquisição de:

I – materiais e bens e/ou contratação de serviços para construção e adequação de rampas, alargamento de portas e passagens, instalação de

corrimão, construção e adequação de sanitários para acessibilidade e colocação de sinalização visual, tátil e sonora;
II – cadeiras de rodas, bebedouros e mobiliários acessíveis; e
III – outros produtos de alta tecnologia assistiva (BRASIL, 2012, p. 2- 3).

Uma escola que recebe a verba do Programa Escola Acessível, poderá recebê-la mais de uma vez, cabendo ao MEC resolver quando e o valor que disponibilizará.

Figura 8 – Teclado Colmeia



Fonte: Autoria própria.

Nota: Teclado colmeia utilizado no trabalho com aluno com paralisia cerebral em sala de recursos em escola da rede municipal de Canoas/RS.

Figura 9 – Teclado Colmeia



Fonte: Autoria própria.

Nota: Teclado colmeia utilizado no trabalho com aluno com paralisia cerebral em sala de recursos em escola da rede municipal de Canoas/RS.

4 PRÁTICA PEDAGÓGICA ALIADA À TEORIA NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: UM RELATO

Ao longo do ano letivo de 2012, tenho atuado na sala de recursos multifuncionais 20 horas semanais, na parte da manhã do dia letivo. Tenho atendido, em média, 20 alunos por semana, distribuídos em atendimentos de grupos ou individuais, conforme o caso de cada aluno. Em cada atendimento, realizo várias atividades com os mesmos, porém, sempre priorizo às de alfabetização, raciocínio lógico e convívio social.

Claro que as atividades são pensadas para cada aluno, focando sempre nas possibilidades deles, procurando a superação e a consciência de sujeito dentro de cada um.

Para desenvolver tais atividades, possuo vários jogos, quadro, livros de histórias infantis, fantoches e os computadores que, infelizmente, desde o início do ano letivo de 2011, estão sem Internet. Então, em relação ao trabalho com o computador, tenho utilizado muito o editor de texto Paint e os jogos digitais, principalmente o de nome Picolé Digital.

Como já mencionei aqui, os alunos apreciam o momento do uso do computador, porque, apesar do atendimento ser de 60 minutos (uma hora), o uso do computador é um dos momentos do atendimento, pois durante o mesmo são realizadas as mais diversas atividades.

Entre os alunos atendidos está C, menino de seis (6) anos, que frequenta o 1º ano no turno da tarde. C é cadeirante em função da paralisia cerebral que teve ao nascer, sendo que seu cognitivo foi preservado.

Fui informada que a escola teria um aluno cadeirante no final de 2011 e, no início das aulas de 2012, observei o aluno em sala de aula, conversei com sua professora e realizei uma entrevista com a família do aluno.

Após, fiz o esboço do Plano de AEE do aluno, tal plano é finalizado em conjunto com professor da sala de aula e responsáveis; foi acertado o dia e horário de atendimento e iniciei o trabalho propriamente dito com meu aluno.

Inicialmente, C estava inseguro em relação aos atendimentos, como também em sala de aula, porém, à medida que foi passando o tempo e C foi interagindo com todos na escola, a insegurança deu lugar a confiança e vontade de aprender.

Nos atendimentos, C demonstrou que apreciava a companhia de outros colegas para realizar os atendimentos, pois a interação com os colegas tornou-se uma característica de C. Então, passei a programar as atividades para C e seus colegas (entre um ou dois), tais atividades também são voltadas para o desenvolvimento psicomotor tanto de C como dos outros colegas.

C gosta de todas as atividades, porém, também aprecia muito o uso do computador; para alguns jogos, não foi necessário o uso do teclado colmeia, pois bastou o uso do mouse, que C aprendeu a usá-lo; em outras atividades, principalmente onde era necessário escrever, C fez uso do teclado colmeia.

C desenvolveu várias habilidades durante os atendimentos, claro que em conjunto com a sala de aula, deve haver uma parceria entre atendimentos e sala de aula, os objetivos devem ser os mesmos para que a promoção do aluno aconteça.

C começou escrevendo letras e seu nome em editor de texto. Depois, usando o Picolé Digital apreciou muito o jogo de colorir e o de achar objetos; das letras, passamos para as palavras, e depois para as frases, claro que o aluno sempre escreve “do seu jeito”, há erros que são uma construção para a alfabetização; porém, recentemente, foi constatado que C já está alfabetizado. Através dos jogos e de ditados feitos em editor de texto, pode-se observar tal fato.

C agora vai encerrar seu ano letivo em função de ter que passar por uma cirurgia, porém, todos na escola nos sentimos com a sensação de dever cumprido.

Considero que o debate sobre a inclusão tenha como uma de suas vantagens o destaque de novas possibilidades para a intervenção educativa, em sentido amplo. O encontro com os sujeitos considerados “anormais” deveria ser potencializador de uma análise que coloca em destaque as relações e a necessária implicação dos sujeitos e das instituições na produção contínua de novas “desvantagens” (e de possíveis experiências de aprendizagem). É justamente esse movimento de colocar-se em questão um dos pontos-chave para que contextualiza, inclui e redimensiona as nossas posições.

O movimento de inclusão tem origens que decorrem dos limites nos processos de identificação dos sujeitos com necessidades educativas especiais; das críticas aos mecanismos excludentes da escola em geral e, em particular, das alternativas paralelas de atendimento, com proposições pedagógicas que tendiam a minimizar os desafios propostos aos alunos; das transformações nas concepções de alternativas de intervenção em educação e saúde (BAPTISTA, 2004, p. 10).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a educação de pessoas com deficiências passou por diversos estágios. Desde a exclusão total até a criação de centros assistencialistas de saúde e/ou educação, muito tempo se passou, muitas teorias e autores foram adotados para que tal aspecto fosse solucionado.

Mais recentemente, adotou-se a integração como regra para a educação de alunos com deficiências, e somente na década de 1990 do século passado a palavra “inclusão” começou a ser mencionada por alguns autores, para que, finalmente em 1994, a Declaração de Salamanca, realizada na Espanha, entre os dias 7 e 10 de junho, tornou-se um documento que é um marco inovador, validado pelas Nações Unidas e por vários países, incluindo o Brasil, onde tal documento assegurou pelo menos que o assunto inclusão estivesse na pauta dos sistemas de ensino.

A Declaração de Salamanca foi o pontapé inicial para a regulação dos direitos das pessoas com deficiências; depois, vieram vários outros documentos e leis, internacionais e nacionais. No Brasil, chegamos ao estágio da inclusão total do aluno com deficiência e, por parte do Estado, existe a adoção de políticas públicas atuantes e vigilantes nos Estados e municípios. Não vou abordar aqui nesta monografia as questões: todos os alunos com deficiência devem realmente ser incluídos nas escolas regulares? As políticas públicas para educação especial adotadas pelos Estados e municípios estão realmente funcionando para todos? As escolas exclusivas para a educação especial e centros devem se tornar escolas regulares? Os professores recebem e/ou buscam formação continuada adequada para trabalhar com aluno com deficiência?

Questões polêmicas à parte, a verdade é que a educação inclusiva está já cimentada, regulamentada em nosso país, as conquistas não retrocederam, cabe aos educadores se adequar a tais aspectos e procurar formação continuada.

Como educadora, tenho buscado formação continuada sobre inclusão, tenho lido autores que escrevem sobre isto e tenho refletido constantemente sobre minha prática pedagógica.

Desde 2010, quando assumi a sala de recursos multifuncionais em minha escola, tenho buscado meios de melhor atender os alunos que frequentam a mesma, chegando à conclusão de que o uso das mídias com alunos com deficiências alavanca suas aprendizagens, além de que, na maioria dos casos, desenvolve neles autoconfiança e noção de como trabalhar em grupo.

Nos meus atendimentos na sala de recursos multifuncionais, faço uso das mídias, principalmente dos editores de texto, software educacional (Picolé Digital), tecnologias assistivas (teclado colmeia), também já fiz uso de blogs e wikis (quando havia Internet em minha sala), quero cada vez mais poder estar disponibilizando para meus alunos este tipo de trabalho, pois acredito que é assim que deve ser, alunos com deficiências incluídos em sala de aula regular e tendo o direito de frequentar a sala de recursos multifuncionais, com professor bem formado e interessado em melhorar sua prática pedagógica.

Segundo Santarosa et al (2010, p. 70): “Interfaces tecnológicas permitem superar a descrição naturalista de práticas de docência, pois não podemos esquecer que trazemos uma experiência profissional construída anteriormente no papel do aluno”.

Portanto, como educadora estou orgulhosa de ter procurado formação continuada em mídias desde o tempo da graduação, quando não dominava a tecnologia, mas me esforcei e aprendi, até estar frequentando o Curso de Pós em Mídias na Educação. Espero não parar, quero continuar minha caminhada, pois almejo a aprendizagem com qualidade de meu aluno com deficiências, enfim, de todos os alunos, pois todos são diferentes e possuem “necessidades” diferentes.

Concluindo, as mídias na educação podem e devem ser usadas, não como um fim, mas como mais um meio de ensinar em que o professor pode lançar mão na sua prática pedagógica. Em relação aos alunos com deficiências, as mídias são um instrumento a mais para que suas habilidades sejam desenvolvidas, pois, se um aluno com paralisia cerebral não consegue copiar do quadro, por que ele não pode copiar esta mesma aula em um notebook, salvar em uma pasta, é a mesma coisa, porém, desenvolvida de forma diferente. E o uso das mídias com alunos com deficiência não se resume somente à cópia, mas a infinitas formas que a tecnologia pode proporcionar para este aluno, aprendizagem de forma colaborativa e voltada para a interação.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Claudio Roberto. A Inclusão e seus Sentidos: entre edifícios e tendas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: [s.n.], 2004.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm>. Acesso em: 13 nov. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Resolução nº 27, de 27 de julho de 2012.** Dispõe sobre a destinação de recursos financeiros, nos moldes e sob a égide da Resolução nº 7, de 12 de abril de 2012, a escolas públicas municipais, estaduais e do Distrito Federal da educação básica, com matrículas de alunos público alvo da educação especial em classes comuns do ensino regular, que tenham sido contempladas com salas de recursos multifuncionais em 2010 e 2011 e integrarão o Programa Escola Acessível em 2012. Disponível em: <portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&tas>. Acesso em: 15 nov. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

BRASIL. **Programa de Formação Continuada Em Mídias Na Educação-** Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação. Disponível em: <http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod83230/etapa_2/p2_11.html>. Acesso em 05 maio 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GOMES, Maria João. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 7., 2005, Leiria.

Anais... Leiria: [s.n.], 2005. Disponível em:
<<http://geografiaemrede.pbworks.com/w/page/13978920/ MAPAS%20CONCEITUAIS%20%20BLOGS%20%20E%20%20WIKIS%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

SANTAROSA, Lucila Maria Costi et al. **Tecnologias Digitais Acessíveis**. Porto Alegre: JSM Comunicações, 2010.

SANTAROSA, Lucila Maria Costi. Inclusão Digital: espaço possível para pessoas com necessidades educativas especiais. **Cadernos Educação**, n. 20, 2002. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2002/02/a1.htm>>. Acesso em: 03 dez. 2012.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan./abr. 2004. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.